

# Tradição e transição

Sergio Buarque de Holanda

(Especial para o DIÁRIO DE NOTÍCIAS)

## II

PARA um estudo de transformações como as que se processam em nossa "cultura cabocla", e que o sr. Emílio Willems teve ocasião de discernir admiravelmente no município paulista de Cunha, torna-se indispensável tomar como plano de referência uma fase mais ou menos remota em que essa cultura ainda se achava pouco perturbada pelos contatos com o mundo externo.

Pouco importa se o antropólogo, por exemplo, tenda a encarar com algum ceticismo, e mesmo com desdém profissional, os esforços, tantas vezes vãoos, para a reconstrução de um passado objetivamente válido, que representam, ao contrário, ocupação própria do historiador. Mesmo se obtido através de sobrevivências que atuam fortemente na vida da comunidade — e são, com efeito, as que de seu ponto de vista mais importam, a verdade é que esse passado há de persistir como elemento de confronto ou, para empregar as mesmas palavras do sr. Willems, como "pano de fundo" das pesquisas.

Segundo essa visão retrospectiva, as mudanças atualmente em curso podem parecer, e parecem realmente a muitos antropólogos, uma espécie de desvio, quase patológico, de condições mais naturais e sem dúvida mais sadias. De onde o vago e talvez inevitável timbre depreciativo que vemos associado, com frequência, a expressões tais como "desorganização", "desagregação", "desintegração" — empregadas constantemente para designar algumas daquelas mudanças. E' que essa ciência, aparentemente austera e frígida, também nos deixa vislumbrar algumas vezes suas pausas emocionais, seus lapsos de patético, do que, com pouca impropriedade, se poderia chamar o patético da idade de ouro. Isso tudo é especialmente verdadeiro no caso das antigas comunidades de tipo tribal, que pertencem por tradição ao domínio da Antropologia.

No caso de comunidades de outro tipo, que só ultimamente se vêm incorporando, por sua vez, a esse domínio, a situação já não parece tão simples. O conceito de "folk", forjado para abranger não apenas os grupos primitivos, mas ainda muitas populações que, por vários aspectos, se aproximam de tais grupos, forneceu uma ponte cômoda para a extensão maior dos conceitos antropológicos. Caberia perguntar se, em certos casos, essa extensão não se deu por um artifício de algum modo prejudicial ao objeto das pesquisas e se, cuidando em avolumar o âmbito normal de seus interesses, os responsáveis por ela não se limitaram a deitar muita água no vinho.

A pergunta parecerá justificável quando se considera que uma grande proporção das comunidades agora convertidas, por sua vez, em objeto de pesquisa antropológica, jamais chegou a constituir os agrupamentos perfeitamente estáticos, os organismos culturais compactos, homogêneos, bem equilibrados, as sociedades virtualmente «sem história», que se presumem ser, em escala maior ou menos, as tribus denominadas primitivas.

Quando confrontamos sua condição presente de estabilidade a uma suposta estabilidade anterior, lidamos, de fato, com fórmulas aproximativas e provavelmente enganosas. Produto de migrações, de miscegenações, de aculturações, de mutações, que se vêm produzindo desde época mais ou menos longínqua e puderam ser documentadas até certo ponto, essas populações relacionam-se nisto, e em muito mais, antes às sociedades «civilizadas» do que às comunidades «primitivas». E' muito possível que sua instabilidade seja, nos dias de hoje, maior do que em outros tempos — se bem que o observador atual esteja irremediavelmente sujeito a erros de perspectiva — mas neste caso haverá uma diferença de grau, não de essência. As mudanças que nelas se produziram em épocas anteriores à nossa, são fundamentalmente as mesmas que se registraram em meios sofisticados, apenas de modo menos evidente, e como em câmara lenta.

Isso é verdadeiro, e não apenas no caso dos centros modernos como Newburyport, Massachusetts, que serviu de base às pesquisas da *Yankee City Series*, mas também no das comunidades de *folk* do Iucatã e outros sítios, da América Espanhola sobretudo, que se prestaram a investigações similares. E não é menos verdadeiro de áreas como o nosso município de Cunha, estudado pelo sr. Emílio Willems, áreas essas situadas numa posição intermediária, que não é nem a de povoações dos Estados Unidos onde a influência européia do tempo da colonização pôde impôr-se quase sem contraste, nem o das localidades centro-americanas que preservaram largamente os vestígios da antiga organização tribal indígena e onde, mesmo em um meio urbano considerável, como o de Mérida, a principal cidade iucatéca, trinta por cento de uma população de cem mil habitantes ainda se serve comumente dos idiomas precolombianos locais, e cerca de seis por cento nem conhece sequer o castelhano.

Não direi que seja impossível evitarem-se os embaraços que envolve o emprego dos métodos antropológicos ao estudo dessas sociedades. Em grande número de trabalhos realizados nesse sentido eles se revelaram, ao contrário, de notável eficiência e préstimo. Mas cabe perguntar se a eficiência não teria vindo menos da bondade dos métodos do que da habilidade e capacidade de quem os aplica.

De qualquer maneira não existe motivo sério para se condenar sem apêlo a maior generalização de tais métodos. O plausível é que a observação direta seja constantemente conferida ou, se necessário, corrigida, com o socorro de outros instrumentos, inclusive e em particular com a documentação escrita acerca do passado da comunidade, onde e quando seja possível dispôr desse material.

O estudo do sr. Emílio Willems situa-se justamente entre aqueles em que a falta de uma consideração mais atenta e assidua dos fatos fatos relacionados com a evolução da vida da comunidade é, até certo ponto, suprida por uma observação meticulosa e cautelosa, servida por apurada técnica de pesquisas. Das duzentas e quarenta páginas que abrange seu livro sobre tradição e transição em Cunha, apenas três são dedicadas ao histórico da localidade.

Se essa deficiência está longe de desvalorizar os resultados alcançados com a pesquisa direta, com as técnicas da entrevista e da observação participante, há contudo razões para supôr-se que sem ela, alguns daqueles resultados se poderiam esclarecer ou melhor corroborar. Em muitos casos, a consideração dos fatos históricos, sugerindo que a estabilidade social e o isolamento da comunidade, em épocas anteriores à nossa, seriam menos acentuados do que a visão do presente leva a acreditar, agiria sobre a própria investigação antropológica. E com isso daria, talvez, menos ênfase à oposição estabelecida entre os traços tradicionais e as atuais mudanças.

E' significativo que, por mais de uma vez, se refira o sr. Willems, em seu livro, à tradição oral, conservada principalmente entre as pessoas portadoras de nomes antigos, de uma era de prosperidade e riqueza, em duro contraste com a miséria de épocas mais recentes. O autor assinala a importante função psicológica que exerce essa lembrança, servindo para compensar os sentimentos de inferioridade que se associam ao que se considera o atual declínio do lugar. Não haveria, entretanto, algum interesse em verificar-se mais detidamente as causas efetivas dessa tradição? E dado que ela seja em tudo verdadeira, a simples circunstância de se poder caracterizar abertamente como de declínio uma época que se apresenta hoje, vista da distância, como de imobilidade e imutabilidade, seria indiferente do ponto de vista sociológico ou antropológico?

A verdade é que um exame sumário de alguns dados relativos ao passado cunhense leva a acreditar que não seria infundada a tradição corrente entre gente velha da localidade. E a antiga "prosperidade", de que ainda hoje resta memória, deve ter tido sobre a vida da população reflexos semelhantes aos que pode assinalar em nossos dias o professor Willems. Um simples fato bastaria para mostrar até onde é razoável tal suspeita: a posição atual do ensino elementar na vida da comunidade, comparada ao que era há mais de um século, já denuncia claramente uma paisagem de decadência. Não parece ocioso lembrar que, enquanto existe hoje, em Cunha, segundo consta deste livro, apenas uma escola de grau primário, em 1838 o *Ensaio Estatístico* do marechal Daniel Pedro Muller registrava nada menos de cinco, entre as quais quatro particulares. Em número de escolas, superaria mesmo qualquer das cidades do vale do Paraíba, ao norte de Jacaré, com a exceção única de Taubaté.

E esse número não deixaria de aumentar progressivamente nos decênios seguintes se, como se lê no Almanaque de Luné, que é de 1783, havia então, na cidade e nos bairros, dezessete escolas particulares, frequentadas por cento e trinta e sete alunos de ambos os sexos, "especialmente para a instrução primária". E em 1886, segundo se lê no Relatório da Comissão Central de Estatística, que traz essa data, funcionavam no Município nove cadeiras primárias para o sexo masculino e duas para o sexo feminino, das três nêle criadas, com um total de duzentos e quarenta e nove alunos. Isso sem falar nas dez escolas particulares igualmente existentes na localidade. E note-se que, por esse tempo, Cunha já deveria ter entrado francamente na sua fase de declínio. De qualquer modo, opostas às condições presentes ou às que precederam imediatamente a atual fase de "transição", é inevitável acreditar que a situação traduzida por essas cifras reflete, com efeito, uma época anterior de relativa prosperidade. Prosperidade decorrente de condições econômicas mais favoráveis do que as de hoje e cujo exame poderia elucidar, sem dúvida, mais de um aspecto da cultura local.

ENDEREÇO PARA A REMESSA DE LIVROS: — Rua Hadock Lobo, n.º 1.625. — São Paulo (Capital).